



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

# Etnologia — Os Celtas na Lusitânia (Estudo)

Francisco Martins Sarmiento

Revista Científica, Porto, 1882, Ano I, págs. 75, 128, 184, 294 e 359

Haverá dois anos, publiquei um opúsculo, em que pretendi demonstrar que a celticidade dos lusitanos era uma hipótese gratuita, sem base científica que pudesse justificá-la.

Razões, que é inútil especificar, obrigam-me a voltar ao assunto, com perigo de repetir-me, porque a celticidade dos lusitanos é para mim uma “delenda Carthago” com que tenho de investir, sempre que forcejo por entrever alguma coisa na nossa arqueologia e nas nossas origens étnicas.

Antes de nada, cumpre determinar o valor deste nome famoso, celtas, para fugir aos equívocos, a que ele tem dado causa, e as hipóteses dualistas, que contam ainda hoje partidários convictos. Um facto definitivamente adquirido para a ciência é, penso eu, que os celtas são um povo moderno na Europa, moderno relativamente às populações que viviam em plena época da civilização do bronze, entre algumas das quais eles vieram estabelecer-se. A prova de que esta gente se não esconde na “noite dos tempos”, esse asilo cómodo dos devaneios de toda a espécie, mormente etnológicos, é que, estudando os testemunhos dos escritores antigos e combinando-os despreocupadamente<sup>1</sup>, nós sabemos quando e por onde os celtas

<sup>1</sup> É o que não sucede com o testemunho de T. Lívio, que alguns críticos tratam com um desdém pouco louvável. Não seria porém difícil provar, nos parece, que o historiador romano nada nos diz que não possa ser confirmado no essencial por outros

entraram na Europa<sup>2</sup>, como uma parte deles ficou pelas fontes do Reno, outra tomou para o nascente, enquanto que uma terceira desceu o Ródano; sabemos a data precisa em que estes últimos bandos apontam no litoral do Mediterrâneo, como algumas das suas hordas vão ocupar o vale do Pó, seguindo outras a direcção oposta, e vindo estabelecer-se, parte entre o Ródano e os Pirinéus, parte na Península Ibérica<sup>3</sup>.

Nós dissemos que os celtas vieram encontrar as velhas populações europeias em plena idade do bronze, e este facto é duma importância capital, para não insistirmos nele. A “gente nova, de armas novas”, historiada por Lívio, que no 4.º século antes de Cristo fez a conquista de Roma, é inegavelmente gente céltica. Entre as “armas novas”, que tanto surpreenderam os clúsios e os romanos, figura a espada de ferro de certa e determinada forma, que os autores antigos nos descrevem, e que o sr. A. Bertrand tem encontrado nas sepulturas duma certa e determinada parte da Europa.

Por este facto e por outros estreitamente relacionados com ele, o distinto arqueólogo acha-se autorizado a tirar uma linha divisória que separa duas zonas perfeitamente distintas, uma a poente da Europa, na qual domina a civilização do bronze e os monumentos megalíticos, outra a nascente, exibindo uma civilização igualmente característica, e a que pode dar-se o nome de civilização da época do ferro<sup>4</sup>.

Esta segunda zona, em que são vulgares os achados da célebre espada, acima mencionada, e que Políbio denomina “galática”, é e não pode deixar de ser para nós a céltica<sup>5</sup>, embora muitos dos

---

escritores, e que as suas “contradições” são em parte muito explicáveis, em parte muito justificáveis.

<sup>2</sup> Num estudo que o ano passado publicámos sobre a *Ora Maritima*, de Avieno, demonstrámos até à evidência, cremos nós, a autenticidade do texto fenício, a que devemos estas preciosas notícias.

<sup>3</sup> As fontes destas informações são citadas nos *Lusitanos*, e pareceu-nos supérfluo reproduzi-las aqui.

<sup>4</sup> Vid. A. Bertrand, *Archéologie celtique et gauloise*, Pl. V.

<sup>5</sup> Na doutrina do sr. A. Bertrand a zona ocidental é céltica, a oriental galática; mas a crítica do sr. A. de Jubainville (principalmente na *Revue celtique*, III, 250—4), estabelecendo que os celtas e gálatas são para Políbio um e o mesmo povo (o que o

monumentos que nela se encontram pertençam, como é bem possível, a outros povos da época do ferro, que vieram após os celtas.

Imagina-se o alcance do facto, posto em relevo pelo sr. A. Bertrand, que nos dá a esperança de ainda um dia ser aclarada com a evidência de provas materiais, que não com a autoridade controvertível dos textos, esta escura questão do celtismo.

Infelizmente o atraso das explorações arqueológicas, principalmente na Espanha, não permite, e ninguém sabe quando permitirá, o recurso destas provas decisivas.

Em todo o caso aqui está um subsídio valioso para o destrinço dos celtas e dos seus incómodos sócias, e um fundamento de legítima suspeição contra o predomínio dos celtas nas regiões, onde se mostre que O que predomina é uma civilização oposta à sua, e anterior à sua.

Não esqueçamos também que os celtas se extremam dos homens do meio-dia pelos caracteres acentuados de uma raça setentrional<sup>6</sup>.

Ainda se distinguem deles por qualidades morais, por certos usos e costumes, que é possível assinar-lhes com toda a confiança<sup>7</sup>, e

---

sr. Bertrand nega), e que o ilustre arqueólogo, admitindo a antiguidade imemorial dos celtas e da civilização céltica (a do bronze), quando trata de a demonstrar, só encontra textos (o primeiro de Hecateu, 500 antes de Cristo), para provar que os celtas são um povo relativamente novo, parece-nos sem réplica. Para nós a civilização céltica é a da época do ferro; à do bronze, para não nos aventurarmos em regiões desconhecidas, chamaremos pré-céltica.

Convém advertir que a civilização do ferro, de que se fala aqui, abrange somente as populações bárbaras da Europa e é estranha à origem do que se pode chamar civilização clássica.

<sup>6</sup> ) O sr. A. Bertrand não está longe de supor que os gálatas (lede celtas) são próximos parentes dos cimérios. Alguns sábios alemães têm querido reivindicar os celtas para a raça germânica, e esta opinião talvez não seja em absoluto tão absurda, como o crê Belloguet. Se as populações pré-célticas da Europa, no gozo da civilização do bronze que importaram, são de origem ariana, como parece mais que provável, não pode passar despercebido que o tipo ariano, é verdade que puro, se diferencia radicalmente do tipo céltico. Vid. sobre este ponto, na *Revue de Linguistique*, XII, 99 e seg., os textos que o sr. Piétrement transcreve do Ramayana e das Leis de Manou.

<sup>7</sup> Veremos adiante as razões por que os escritores antigos começam a atribuir aos celtas, de certa época para cá, os costumes mais contraditórios.

Para evitar o escolho, em que eles caíram, e em que têm caído também alguns autores modernos, admitiremos somente as características que Lívio, Políbio e

de que vamos fazer um pequeno esboço, que mais adiante há-de servir-nos para um confronto instrutivo.

O celta tem a paixão infrene dum militarismo egoísta, que lhe não aproveita para fundar uma nacionalidade, um império seu próprio — facto nunca bastantemente repetido — mas que o obriga a oferecer a espada a todo aquele que lha paga. Desde certa época, desde Diniz o Antigo, pelo menos, é rara a guerra de importância no mundo conhecido dos antigos, em que não apareçam celtas mercenários.

A arma propriamente sua é a espada de ferro, de dois gumes e sem ponta, de má tèmpera, que vergava ao primeiro golpe, ficando inutilizada para o segundo, se o combatente a não endireitava com o pé. O escudo era alto, quadrilongo e incómodo.

A sua tática de guerra era o ataque por grandes massas. Se o inimigo cedia ao primeiro ímpeto, o celta era inexorável; mas esmorecia facilmente, se encontrava uma resistência vigorosa e aturada.

É quase certo que eles não construíam *oppida*<sup>8</sup>; repugnava-lhes viver em cidades muradas e isto condiz com a sua educação nómada e aquele génio fanfarrão que lhes fazia dizer que de nada

---

Pausânias assinam aos invasores do Vale do Pó e de Roma e aos de Delfos, que consideramos celtas puros.

<sup>8</sup> É a opinião do sr. A. Bertrand. Belloguet sustenta o contrário; Políbio diz expressamente (II, 17) que eles viviam dispersos por aldeias sem muralhas, mas logo adiante (34) escreve que Milão, uma cidade sua, era murada. A mesma confusão veremos dar-se com os celtas do Anas, que, segundo Estrabão, viviam *vicatim*, segundo Plínio, possuíam cidades, cuja terminação em *briga* (provavelmente não céltica, diga-se de passagem), denota um verdadeiro *oppidum*, como muitas outras da Espanha não céltica. Políbio, o grave, o infalível historiador, que muitas vezes é invocado contra Lívio, o *romancista*, o cerzido r de *fábulas*, cai, como se V~, em contradições" tão palpáveis, como o Patavino; mas eu entendo que a critica, em vez de inferir destas contradições quê os seus autores não tinham senso comum, deve conciliá-las (senão agradecer-lhas), na certeza de que tais contradições resultam da exposição de factos complexos confusos, e às vezes antitéticos, que não obstante são perfeitamente verídicos. Eu por mim concebo muito bem que o celta aborrecesse as cidades muradas, que não conheceu, quando nómada, de que não necessitou, quando agressor irresistível, e que até muito tarde mostrasse a sua predilecção pelas povoações abertas; mas concebo ao mesmo tempo que, desandando-lhe a fortuna e obrigado a tomar a defensiva, se fosse muitas vezes aproveitando das cidades muradas que encontrou, e mesmo construindo Outras à imitação daquelas.

tinham medo, senão da queda do céu.

Organização religiosa não se lhes conhece. O sr. A. Bertrand, depois de afirmar que eles não fundaram nada de durável, acrescenta: “O seu nome não ficou ligado a nenhum grupo de monumentos, a nenhuma costureira, a nenhuma divindade tópica, ou de tribo, de que possamos com segurança adjudicar-lhes a honra.”

Quanto aos ritos funerários, sempre importantes entre os povos mais bárbaros, os celtas aproximavam-se dos persas, expondo os seus mortos às bestas-feras e as aves de rapina<sup>9</sup>.

Aqui estão os traços, poucos sim, mas característicos que distinguem o povo céltico, e cuja autenticidade os celtistas mais severos nos não impugnarão, cremos nós.

Se inquirimos agora da influência civilizadora que os celtas exerceram na Europa, a resposta dos menos suspeitos não é muito lisonjeira. Os srs. Bertrand, Contzen e outros dir-nos-ão que eles não fizeram nada que se visse; Belloguet acrescentara que eles eram mesmo incapazes disso, e o sr. A. de Jubainville deixará inferir que, se pudessem ou soubessem fundar alguma coisa, lhes faltou tempo para realizar a sua obra, pois diz: “É pelo fim do 6.º século que o nome de celtas aparece pela primeira vez e a decadência do império céltico começa cerca de dois séculos depois.”<sup>10</sup>.

Dois séculos para destruir a civilização tão profundamente enraizada da época do bronze e para impor uma civilização nova! Parece que se não tem meditado nisto.

O que são pois os celtas? Para nós são uma individualidade etnogénica una, de raça puramente setentrional e radicalmente distinta, física e moralmente, das populações ocidentais e meridionais da Europa; uma onda de bárbaros, que entre o século 8-7, rebenta de além do Báltico sobre o continente, espalhando-se em bandos mais ou menos numerosos por diferentes direcções e perdendo-se por fim,

---

<sup>9</sup> Sobre esta matéria veja-se Belloguet, *Ethnogénie gauloise*, III, 141-2. A não ser por lapso, não imaginamos como Dieffenbach, nas *Origines Europææ*, possa atribuir este rito aos iberos.

<sup>10</sup> A. de Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, pág. VII.

mesmo como raça característica<sup>11</sup>, salvo num ou noutro ponto, no seio dos povos, com os quais acabou por se fundir.

O direito para esta gente estava na ponta da espada, como bravateava o chefe dos invasores de Roma; mas esta teoria jurídica, que, sendo no fim de contas a de todo o conquistador, perde um pouco do seu odioso, quando se acoberta com a propaganda duma civilização de bom quilate, em que os tiranizados encontram uma compensação tal ou qual, aos celtas servia apenas para correr atrás da rapina e do saque, onde quer que o farejavam, realizando quase sempre impunemente, graças à união das suas fileiras e a superioridade das suas armas, este ideal querido de todos os bárbaros. Parece porém que, reflectindo na vida errante e arriscada que levavam, e percebendo talvez as vantagens da organização política dos povos que maltratavam, estes bandos nómadas, que nas suas excursões divergentes se tinham perdido uns dos outros, foram-se associando com os vencidos, ou com os inimigos transigentes, criando vários grupos étnicos, celtoi-gáli, celto-lígures, celto-iberos, etc., e recebendo provavelmente dos seus associados muito mais do que lhes deram<sup>12</sup>.

A decadência do império céltico, a nosso ver, não é determinada por nenhum facto violento externo, como crê o sr. A. de Jubainville; é o resultado natural da subdivisão espontânea desta grande massa de homens, que sem tradições propriamente suas, sem ideal político, sem laço que os prendesse a uma pátria comum, mas procurando cada bando para seu lado uma terra em que viver, como eles por fim já diziam, logo que a encontraram, se perderam na obscuridade dos povos não célticos seus consócios, deixando na memória dos antigos, além da celebridade do nome legendário, com que nas suas correrias selvagens assinalaram os primeiros passos, os traços puros e sem mescla do seu carácter original e feroz.

Desde que estas fusões étnicas se efectuam, começa, como é natural, o enigma do celtismo, que é poucos séculos menos velho que os próprios celtas. Com efeito, desde certa época por diante os

<sup>11</sup> Belloguet, ob. cit., *Types gaulois*, etc., págs. 65 e seg.

<sup>12</sup> Segundo Políbio, log. cit., eles desconheciam quase todas as comodidades da vida.

escritores antigos começam a atribuir aos celtas os usos e costumes mais contraditórios, o que mostra intuitivamente que tais etnografistas estavam na impossibilidade de extremar a individualidade céltica da individualidade não céltica, com que ela se enlaçara em diferentes regiões.

Compreende-se depois disto o que pode produzir a tentativa dos investigadores modernos, limitada aos subsídios destes textos equívocos, e por onde peca a hipótese dualista de Thierry, que é ainda um dogma para alguns estudiosos.

Se semelhantes tentativas têm por fim estudar um grupo à parte, para separar o elemento céltico do elemento não céltico, por exemplo, os celtas e os galos, como faz o sr. Lemière, este trabalho, quando baseado nos testemunhos concordantes da história, da arqueologia, etc., parece-nos infinitamente proveitoso e o único que possa levar-nos a resultados positivos. Fazer porém do celta e de qualquer povo que com ele se associou dois irmãos siameses, quando em regra os dois povos são originariamente heterogéneos, é um erro justamente verberado pela crítica, e não o deve ser menos a aplicação que o autor dum monografia, tratada pelo processo que acima indicamos, quisesse fazer dos factos que nela liquidasse a um outro grupo étnico qualquer; porque isso seria obrigar os galos<sup>13</sup>, lígures, iberos, etc., etc., que formam os grupos celto-galos, celto-lígures, celto-iberos, etc., etc., a sofrer as torturas do leito de Procusto e a verdade a sofrer torturas ainda maiores.

Não censuramos ninguém; estamos fazendo um arrazoado *pro domo sua*; pois que é uma monografia, pouco mais ou menos da espécie das que defendemos, que intentamos esboçar, estudando os celtas da Lusitânia.

---

<sup>13</sup> Para nós, e sem contradição com o que dissemos a pág. 101, nota 2, os galos são um povo muito diferente dos celtas e muito mais velhos que eles. A este ramo parece pertencerem os ombrios, pré-etruscos (*veteres galli*) e os callaici, *gallaici*, de Espanha.

A sinonímia de *galli* e celtas, forjada pelos romanos e passando deles para os gregos de tempos relativamente recentes, provavelmente falsa de toda a falsidade, apesar da categórica afirmativa de César. Não cabe nos limites dum nota expor as razões deste nosso modo de ver.

A “dominação” céltica da Espanha só pode datar depois da fundação de Marselha.

Isto resulta das notícias de Lívio, combinadas com um texto de Hecateu de Mileto, o primeiro grego que nos fala de celtas no litoral do Mediterrâneo, e do silêncio do périplo fenício do 6.º século antes de Cristo, que ainda não conhece nenhuns celtas na Espanha, combinado com a notícia de Heródoto, que já os menciona nas proximidades de Gades.

A lista dos “dominadores” da Espanha dada por Varrão, e que nos foi conservada por Plínio — lista que Dieffenbach, o sr. Mullenhoff e outros consideram como cronológica, confirma isso mesmo: a dominação céltica é posta aqui entre a tina e a cartaginesa, a que se segue a romana<sup>14</sup>.

Não é só Varrão, é também Estrabão, que nos fala da dominação céltica com todas as letras. Importa porém averiguar o que pode haver de real nesta aparatosa frase, “dominação da Espanha”.

Sabemos bem o que foi a dominação romana. Tornou-se necessário, para a levar a cabo, a tenacidade do génio romano, e dois séculos e meio de guerras chamadas “de fogo”.

A crer V. Patérculo, num dos momentos da luta, hesitou-se quem era o mais poderoso, se o espanhol, se o romano, e qual deles é que dominaria o outro.

Descontando o que possa haver de exagerado nesta confissão, nada há que rebater na declaração doutros escritores, quando afirmam que a Espanha, sendo a primeira província atacada pelas armas romanas, foi a última a submeter-se.

Vê-se pois que a Península era um pouco refractária a imposições do estrangeiro, e este amor da liberdade, aliás reconhecido por todos os observadores, e o que sabemos da dominação cartaginesa, que precede imediatamente a romana, põe-nos muito em desconfiança contra a realidade de tal dominação.

O leitor, relembrando a história, vai sem dúvida partilhar das nossas suspeitas. A conquista da Espanha é começada por Amílcar

---

<sup>14</sup> Plín. H. N., III, 2.

Barca, contra a vontade do governo da metrópole. O general não é dos mais afortunados: ao fim de nove anos morre numa batalha contra os espanhóis. Asdrúbal prossegue a guerra, mas ao fim de oito anos é apunhalado por um espanhol, por um celta, diz Políbio. Sucede-lhe Aníbal. Este demora-se na Península três anos, durante os quais o vemos em luta com os vacceus, os carpetanos, os saguntinos e diferentes outros povos da esquerda do Ebro, e pouco depois da sua partida para a Itália aparecem na Espanha os dois Cipiões, que principiam a tarefa da dominação romana<sup>15</sup>.

- Neste episódio da segunda guerra púnica, passado na Espanha, os espanhóis figuram como povos, não só absolutamente independentes, mas bajulados por cartagineses e romanos, seguindo o partido que muito bem lhes parece e decidindo a vitória para o lado onde pesa a sua espada<sup>16</sup>.

Treze anos depois destas guerras tumultuosas, a história escreve que “os cartagineses haviam sido expulsos da Espanha” e a verdade é que nós não vemos uma só cidade espanhola continuar a resistência em nome de Cartago<sup>17</sup>. Segundo uma tradição, recolhida por Cícero, a própria Gades não esperaria o desfecho da guerra para abandonar os rivais de Roma, e isto não admiraria, porque a Turdetânia, que, segundo Estrabão, era mais fenícia que outra coisa, tinha feito o mesmo<sup>18</sup>.

Do exposto conclui-se que, a acção livre dos dominadores cartagineses não teve mais que vinte anos para produzir os seus efeitos.

Eu pergunto o que pode valer esta dominação de vinte anos e que influência ela podia exercer sobre povos, para subjugar os quais

---

<sup>15</sup> Achamos desnecessário apontar os lugares, onde se encontram estas notícias. Bastará dizer que elas são tiradas principalmente de Lívio e Políbio.

<sup>16</sup> Era à “traição” dos espanhóis que se atribuía a derrota e morte dos dois Cipiões, a derrota de Asdrúbal Gíscón que pôs termo à luta sustentada pelos cartagineses na Espanha, etc. Liv. XXV, 22-6 XXVIII, 15.

<sup>17</sup> Cástulo rendeu-se aos romanos, sem fazer caso dos conselhos de Himílcon, comandante dos restos do exército cartaginês, que se encerrara nos muros daquela cidade. Liv. XXVIII, 20

<sup>18</sup> Id., ib., 23.

os romanos, que se substituem imediatamente aos cartagineses, gastam duzentos e cinquenta anos e todas as suas manhas.

A dominação cartaginesa não passa, a nosso juízo, duma ocupação militar, e ainda assim, em relação à grandeza de Espanha<sup>19</sup>, muito limitada, contra a qual reagiam constantemente os indígenas, e sem influência alguma moral, salvo na faixa do litoral e ainda na Bética, onde os cartagineses podiam colher os frutos da semente ali lançada desde épocas remotas pelos seus antepassados, os tinos.

Chegámos à dominação céltica. Se tomássemos a sério a dominação tina, os celtas encontrariam a Espanha no gozo duma civilização adiantada e sob a protecção dum estrangeiro, que tinha todo o interesse em defender a sua conquista pelos lucros, que dela auferia; mas nós não vemos que a dominação tória seja outra coisa mais que a exploração comercial e industrial das populações da beira-mar e o estabelecimento de feitorias e colónias tanto no litoral como no interior da Bética, tudo isto feito provavelmente muito a contento dos naturais, desde que eles compreenderam as vantagens recíprocas desta política de paz<sup>20</sup>.

A influência fenícia no interior da Espanha é, parece-nos, a que indirectamente pode resultar das relações entre os indígenas e os negociantes e industriais semitas.

Em vista do que fica dito, somos obrigados a concluir que à data da invasão céltica na Espanha, a Península era habitada por diferentes povos autónomos, nos quais, como já vai ver-se, estava arreigada aquela paixão pela independência, que foi sempre proverbial nesta gente.

---

<sup>19</sup> Aníbal chega até os vacceus; mas não pôde mesmo pensar em estabelecer aí o domínio de Cartago, porque à volta desta expedição nem sequer se atreve a atacar de frente os carpetanos, vizinhos, meridionais dos vacceus, e que também nunca subjugou. Pol., III, 14. De resto pode avaliar-se a extensão da dominação cartaginesa na Espanha por estas palavras:

“A região até o Estreito banhada pelo mar interior chama-se Espanha; os países situados sobre o grande oceano não têm denominação comum, porque a sua descoberta é inteiramente recente.” Pol., III, 37.

<sup>20</sup> É bom lembrar as precauções que tomavam os gregos de Empórias contra os indígenas, apesar das relações comerciais entre uns e outros. Liv., XXXIV, 9.

Não iremos avante sem notar que a conquista céltica estava em condições especiais, com relação à romana, à cartaginesa, e, seja ainda, à tina.

Qualquer destas podia ser continuamente alimentada por corpos de reforço que lhe mandasse o poder central; mas a conquista céltica, intentada por hordas nómadas e desgarradas, sem comunicação com as outras tribos, que deixara atrás de si e foram estacionando ao longo do seu interminável itinerário, ficaria inteiramente malograda, se por acaso na Península os celtas sofressem um desastre, idêntico ao que sofreu em Delfos um dos diferentes bandos que se dispersaram na direcção do oriente.

E também manifesto que as turbas que transpuseram os Pirinéus não podiam ser já muito numerosas. Por extraordinária que fosse a aluvião de celtas que chegou ao centro da Europa, nós sabemos que ela se subdividiu aí em três partes.

A turba que nos interessa, a que toma o caminho do Ródano, tem-se empobrecido, antes de penetrar na Espanha, com os desfalques, exigidos pelas invasões da bacia do Pó e pela ocupação do litoral entre o Ródano e os Pirinéus, por onde deve ter ficado uma parte considerável, divorciada, acentuemos sempre este facto, dos seus hábitos errantes, pois que, no tempo de Hecateu, Narbona é já por este autor chamada cidade céltica<sup>21</sup>.

Assim os invasores da Espanha são, quando muito, uma quarta parte duma das três fracções da massa total dos celtas.

O que parece demonstrar ainda que o seu número não pode ser muito avultado é que, ao contrário do que vemos nas outras partes, onde as hordas célticas levam tudo de roldão diante de si — o que se compreende facilmente duma irrupção de bárbaros caindo em massa sobre povos que, embora infinitamente superiores em número, não têm arte, nem possibilidade de organizar uma resistência em forma — na Espanha não sucede assim.

---

<sup>21</sup> Mas com as maiores probabilidades pré-céltica. Comp. este nome com o de narbasos, povo que Ptolemeu nos dá na Lusitânia. Devo dizer que em todo este escrito tomo a Lusitânia no sentido em que a tornava Estrabão — toda a faixa ocidental da Espanha desde o mar Cantábrico.

Ao pé do Ebro os indígenas embargam o passo aos invasores e estes recuam. Trava-se uma luta sanguinolenta e duradoura, em que nenhum dos beligerantes leva a melhor. As hostilidades acabam por uma transacção amigável: celtas e iberos formam uma nação mista, os celtiberos<sup>22</sup>, uma verdadeira federação, onde não há dominadores, nem dominados — facto, que parece esquecerem os que nos falam da dominação céltica na Espanha.

É muito de crer que na Celtibéria ficou a grande maioria dos invasores. E o que é bem certo, e devia servir-nos de critério no estudo dos outros grupos célticos na Espanha, é que na Celtibéria o elemento céltico nos é francamente acusado pelo carácter de soldado mercenário que distingue os seus habitantes dos outros espanhóis, pelo rito funerário de abandonar os mortos às aves de rapina<sup>23</sup>, e pelo génio arrogante e volúvel dos seus guerreiros.

Observemos também que, como acontecera aos que ficaram além dos Pirinéus, os celtas na Celtibéria puseram termo à sua vida nómada, mostrando bem pelos seus actos que no que menos pensavam era em dominar a Espanha, pois que até os últimos tempos a Celtibéria é localizada pouco mais ou menos na mesma região, onde Diodoro Sículo põe o teatro da luta e da fusão dos dois povos<sup>24</sup>.

De resto os celtiberos não eram gente que pudesse passar despercebida da história onde quer que se estabelecesse: a Espanha nunca teve habitantes mais turbulentos e que armassem mais ao efeito.

Procuremos pois outros celtas que possam dominar a Espanha.

Na federação celtibérica não entraram todas as hordas da invasão, pois que nós vamos encontrar algumas das suas tribos no

---

<sup>22</sup> Diod. Sic., V, 33.

<sup>23</sup> Sendo um crime queimá-los. Sil. Ital., III, V, 340-3.

<sup>24</sup> Isto não obsta que eles não alargassem os seus domínios, como afirma Estrabão, III, III, II. Lembremos porém que a Celtibéria não forma uma nação no sentido rigoroso da palavra, mas é um agregado de pequenos povos, que tanto lutam entre si, como com vizinhos de diferente raça. Sirva de exemplo o ódio dos titos; belos e arevacos, de que nos fala Políbio, e todos eles celtiberos, segundo alguns autores. Diga-se em abono dos celtas, que o mesmo caso se dá com outros povos hispânicos, estranhos à raça céltica.

sudoeste da Península com o nome de *celtici*. Plínio diz-nos positivamente que eles são irmãos dos celtas da Celtibéria<sup>25</sup>, donde se infere que este último bando ou deixou os seus companheiros a debaterem-se com os espanhóis do Ebro e passou adiante, ou os auxiliou na luta e, terminada ela, não pôde ou não quis tomar parte na transacção que lhe pôs termo, e continuou a sua marcha para o poente, seguindo o curso do Ana.

Quando se vê esta gente tomar para o lado da Bética, lembra-se a fama das riquezas e fertilidade desta região chegaria aos ouvidos dos bárbaros, estimulando a sua cobiça e se, atenta a pusilanimidade dos turdetanos (a julgá-los pela triste celebridade que eles tinham tempos depois)<sup>26</sup>, os celtas lograriam apossar-se deste território, sem oposição dos seus habitantes. Mas nada disto é crível.

A ocupação da Bética pelos celtas, que vinha a cair no tempo em que os cartagineses lidavam na faina de recolher a herança que lhes deixara Tiro, depois da sua ruína<sup>27</sup>, não era um facto que pudesse passar despercebido da história, dessa história tão caluniada por alguns à conta da sua negligência, e à qual não obstante nem escaparam as agitações que os celtas promoveram no interior da Espanha, nem as insignificantes contendidas que eles tiveram com os túrdulos, nas margens do Lima, e que por Heródoto, em 443-5<sup>28</sup>, se apressa a dar-nos a notícia da chegada dos celtas as proximidades de Gades, notícia que sem dúvida alguma vem em primeira mão dalgum informador cartaginês.

Demais, se a conquista da Bética pudesse ser efectuada sem ruído e sem oposição tanto dos naturais, como dos fenícios, seria mais que extraordinário que o feliz dominador destas ricas possessões as abandonasse em seguida, também sem ruído, para se ir acantonar modestamente num pequeno território das margens do Ana,

---

<sup>25</sup> Plín., III, 2.

<sup>26</sup> Liv., LXXIV, 17, diz que os turdetanos era a gente menos belicosa da Espanha.

<sup>27</sup> Colocam-se no século VI a. C. as viagens de Hánon e de Himilcon, encarregados pelo governo de Cartago de reconhecer as estações comerciais dos tírios fora das colunas de Hércules, e de as utilizar em proveito seu.

<sup>28</sup> Data averiguada pela crítica do sr. Mullenhoff.

mostrando tão pouco pelos seus actos a sobrançeria que era de esperar dum conquistador bárbaro irresistível, que nós o encontramos mancomunado com os indígenas e empreendendo uma excursão, emparceirado com eles, como logo se verá.

Esta última particularidade, que nos parece muito significativa, a improbabilidade de que a história nos não transmitisse os tumultos produzidos por uma invasão na parte da Península, a mais conhecida dos antigos e vigiada pelos cartagineses, quando aliás os primeiros celtas que ela conhece na Espanha, e logo em seguida à sua chegada, são precisamente os do Ana; isto é a presunção muito fundada de que estes restos do corpo da invasão céltica, já uma fracção de fracções, não podem formar um grupo numeroso, nem muito confiado nas suas forças, presunção fortalecida pela pouca extensão do terreno em que cabem estes estrangeiros, faz crer que os ribeirinhos do Ana os acolheram muito diversamente dos espanhóis do nascente, quer cedendo-lhes de boamente terras que lhes sobejavam, quer confederando-se com eles, sem os preliminares de guerras supérfluas.

Qualquer que seja o valor destas considerações, os factos certos e positivos são estes: — os celtas do Ana, como os do Ebro, adoptaram estabelecimentos fixos, pois que os escritores do século os conhecem pouco mais ou menos nos mesmos lugares onde os conheceu Heródoto ; — a sua origem céltica é denunciada pelos mesmos caracteres que distinguem os celtas do Ebro; Plínio é expresso: religião, língua, nomes de cidades são os mesmos em ambos os povos<sup>29</sup>; por estes caracteres e ainda por viverem *vicatim*<sup>30</sup>, os *celtici* destacam-se dos seus vizinhos.

A dominação céltica da Espanha vai-se definindo, como aliás era fácil de supor, numa coisa muito diversa do que poderia inculcar a frase imponente dos antigos. Até agora apenas verificamos que ela se

---

<sup>29</sup> Plín., log. cit.

<sup>30</sup> Estrab., III, II, 15. A redacção do texto de Estrabão dá a entender que alguns *celtici* viviam *s icatinz*, outros não. Isto traz-nos às observações, que já expusemos a pág. 102, nota 2, e faz-nos crer que de mistura com Os celtas do Ana habitavam outros povos de costumes muito diferentes, devendo ser aceite com toda a reserva a notícia de Plínio, quando nos fala das cidades dos *celtici*

traduz num contingente mais ou menos numeroso duma população de origem estrangeira, "gente nova", que se estabelece em dois pontos determinados da Península, depois de explicar o que quer — terras em que viver. Dominação propriamente dita, que faça lembrar (não dizemos a romana) a cartaginesa ou a tina, não existe em face da história. Os celtas, como todos os bárbaros que mais tarde hão-de irromper do norte, seguindo pouco mais ou menos as suas pisadas, têm só e unicamente por si a superioridade momentânea da força, mas moral e intelectualmente são inferiores aos povos do meio-dia<sup>31</sup>, e a sociedade que com estes formam por toda a parte prova à evidencia que eles se sentem incapazes de assumir o papel de poder director, sendo neste particular os verdadeiros dominados<sup>32</sup>.

Afora o tipo curioso do celtibero, devido à fusão da raça céltica com outra mal conhecida, mas muito velha na Península, e afora algumas costumeiras e usos que lhes eram peculiares e que mantiveram até tarde, os celtas da Espanha do mesmo modo que os celtas de toda a parte, não são conhecidos por título algum que os recomende a posteridade.

Estas reflexões não são despropositadas, visto que estamos chegados aos celtas da Lusitânia, que, segundo a opinião mais seguida, seriam os beneméritos civilizadores desta região.

Pela indução dum facto tão luminoso, como é, pelo menos para nós, a invasão céltica na Península, os celtas dominadores e civilizadores da Lusitânia, apenas podiam sair do último bando que veio terminar o seu fadário errante no sudoeste da Espanha.

Não temos porém necessidade de recorrer a especulações, porque a história continua a ser expressa.

Os celtas do Ana, diz ela, associados com os túrdulos planejaram uma certa empresa para o norte. Depois de atravessar o rio

---

<sup>31</sup> É o que a respeito dos celtas do Ana diz positivamente Estrabão, *log. cit.*, comparando-os com os turdetanos. O parentesco duns e doutros, em que, segundo o geógrafo, acreditaria Políbio, é inadmissível. Os turdetanos, que são os tartéssios dos escritores fenícios, existiam na Espanha, muito antes que os celtas aí pusessem o pé.

<sup>32</sup> Esta doutrina é sustentada em muitas passagens da notável obra de Belloguet, *Ethnogénie Gauloise*

Lima, os dois bandos desavieram-se; segue-se uma refrega violenta, na qual morre o chefe da expedição, contando a legenda que a este facto se deve o malogro dela e o nome de rio do esquecimento, dado ao Lima, porque os expedicionários se dispersaram, esquecidos, ao que parece, do fim da sua empresa, ou coisa que o valha<sup>33</sup>. Pondo de lado o sobrenatural da tradição, entrevê-se que a deserção dos túrdulos, os únicos que podiam conhecer o itinerário que através da Lusitânia conduzia a um ponto dado, tornou a misteriosa expedição irrealizável para os celtas, deixando-os desorientados e sem guia num país desconhecido.

Qual fosse o objectivo de tal expedição, é o que se não saberá nunca; mas palavras de Estrabão e a marcha dos expedicionários fazem crer que o alvo empresa era um sítio determinado do noroeste da Espanha.

O que não pode sofrer a menor dúvida é: 1.º) que, como o bando túrdulo, composto decerto de algumas centenas de aventureiros, o bando céltico nem podia ser numeroso, nem muito para temer, visto que no combate junto ao Lima nenhum dos bandos leva a melhor; 2.º) que, depois do abandono dos túrdulos os celtas se arrastam, como podem, até o promontório Nério, onde se estabelecem e onde são conhecidos nos tempos históricos formando quatro tribos — facto que confirma ainda que este ramo destacado dos célticos do Ana era primitivamente insignificante; 3.º) que, no Nério, onde se domiciliaram, eles se distinguem dos povos vizinhos pela sua tradição genealógica e provavelmente por caracteres e usos, idênticos aos dos seus irmãos do Ana e do Ebro.

Aqui estão os celtas da Lusitânia; A história não conhece outros. Por mais que se respigue nos escritores antigos e se forcem os seus textos, a Lusitânia aparece sempre estreme de qualquer mistura com populações célticas. Podia já discutir-se no tempo de Estrabão se certos povos orientais, limítrofes dos lusitanos, eram da raça destes, se celtiberos<sup>34</sup>; mas o que se dava por incontestável é que entre os

---

<sup>33</sup> Estrab., III, III, 5.

<sup>34</sup> Estrab., III, III, 3.

celtiberos e os lusitanos; que Estrabão, Diodoro e outros chamam sempre iberos, nada havia de comum.

Do mesmo modo entre os celtas do Ana e os lusitanos ninguém encontrou nunca parentesco ou analogias. “Bruto—diz Floro—domou os celtas (do Ana), os lusitanos, e os povos da Gallæcia” Plínio, tirando da língua, religião e nomes de cidades dos *celtici* provas a favor do seu intimo parentesco com os celtiberos, não deixa dúvida que os vizinhos dos *celtici*, entre eles os lusitanos, se diferenciavam dos celtas nestes pontos essencialíssimos.

Do que fica dito resulta que os defensores da celticidade dos lusitanos não têm a seu favor um único texto histórico<sup>35</sup>.

Pior ainda; o modo por que os escritores antigos localizam na Espanha as populações célticas e nos falam delas, tolhe todo o recurso dos argumentos negativos. Seria realmente dar provas de um cepticismo exagerado sugerir se, ou por desprezo, ou por ignorância, os gregos e os romanos não deixariam na sombra a origem e carácter céltico dos povos da Lusitânia, quando nós vemos que nem lhes escaparam os celtas do “cabo do mundo” (*Finis terræ*) e que com exageração, ou sem ela, eles mostravam conhecer bem a genealogia, ritos religiosos e língua dos grupos célticos da Península, para formar deles uma categoria à parte e em contraposição com os seus vizinhos.

Mas nós temos uma contraprova segura, que deve convencer os mais cépticos de que se não deu essa omissão, que eles poderiam explorar a torto ou a direito.

Concedido que os celtas, operando na Lusitânia a espantosa

---

<sup>35</sup> Ninguém decerto se lembrará de contrapor-nos o texto de Plínio (III, III, 10): “Celticos a Celtiberis ex *Lusitania advenisse* manifestum est sacris, lingua, oppidorum vocabulis, quæ cognominibus in Bætica distinguuntur, etc.

A região aqui compreendida por Plínio na denominação de Lusitânia fica fora da Lusitânia de Estrabão, que, como já dissemos, começa no mar Cantábrico e acaba no Tejo, enquanto que a Lusitânia de Plínio começa no rio Douro e acaba no litoral do Algarve. Da passagem do naturalista infere-se que os certos ocuparam uma parte do antigo país dos cineles e daí, atravessando o Ana, tomaram posse duma pequena parte da Bética. A Céltica (sic) (ib. II) fica de cá e de lá do Ana. Comp. Ptolomeu, 2. Tab. da Europa.

revolução que sabemos<sup>36</sup>, pudessem guardar o mais absoluto incógnito, é evidente que, embora a sua obra não deixasse um só eco na história, havia de imprimir um cunho profundo na etnologia, de sorte que os lusitanos hão-de respirar por todos os poros usos e costumes célticos.

É o que vamos examinar, pedindo ao leitor que compare o esboço etnográfico dos celtas que se encontra a págs. 102-103 deste trabalho com as seguintes notas.

Os lusitanos, como todos os povos atrasados, fazem do ofício das armas uma glória e um modo de vida; mas o soldado mercenário não aparece entre eles. O epíteto favorito dado pelos antigos aos guerreiros lusitanos é o de “latrones”. Em lugar de vender os seus serviços ao estrangeiro e de correr aventuras por terras estranhas, como os celtas e os celtiberos, os lusitanos faziam as suas incursões sobre povos mais ou menos vizinhos e voltavam aos seus lares, para planear outras novas<sup>37</sup>. Neste ponto entre lusitanos e celtas não há a mínima analogia.

A armadura dos lusitanos era principalmente o escudo redondo de dois pés de diâmetro e a *sica*, adaga<sup>38</sup>. Esta armadura, descrita por Estrabão, encontra-se invariavelmente nas célebres estátuas calaicas. Ignoramos se a *sica* lusitana era de bronze. A julgar pelas das estátuas calaicas, a sua semelhança com a adaga de bronze irlandesa assim o inculcaria. De bronze sabemos nós que eram as pontas das suas

---

<sup>36</sup> Nomes de cidades, de indivíduos, de deuses, e até nomes locais, tudo seria céltico na opinião que combatemos.

<sup>37</sup> Vid., entre outros, Diod. Sic., V, XXXIV

<sup>38</sup> Estrab., III, III, 6. Um anotador de Estrabão quer que se complete esta notícia com a de Diod. Sic. (log. cit), segundo a qual os lusitanos usavam da mesma espada que os celtiberos. Isto nada faz ao caso, porque por Liv. XXII, 46, vemos que na batalha de Canas as tropas espanholas, onde o forte deve ser de celtiberos (fala-se por vezes em espanhóis mercenários), usam da espada ibérica e não da céltica, que Lívio nessa mesma passagem põe na mão dos gauleses. Os celtas na Celtibéria abandonaram também a sua espada primitiva. Quanto ao escudo, segundo Diodoro, os celtiberos usavam indiferentemente da rodela, ou do escudo longo. Este porém não se encontra nos lusitanos.

lanças<sup>39</sup>. Seja porém como for, entre a armadura dos lusitanos e dos celtas há completa disparidade.

A tática de guerra dos lusitanos era o avesso da dos celtas. Em vez de atacar por grandes massas e empenhar um combate decisivo, o lusitano incomodava incessantemente o seu inimigo, salteando-o aqui e ali por diferentes bandos, que, quando mal sucedidos, se dispersavam como por encanto, indo reunir-se noutra ponto de antemão combinado, para recomeçar o ataque e assim sucessivamente<sup>40</sup>. Os celtas na Lusitânia abandonariam pois, além das suas armas favoritas, a sua tática de guerra, e, o que é mais para admirar, por outra que devia repugnar ao seu génio irritável e nada persistente<sup>41</sup>.

A inumerável quantidade de ruínas pré-romanas, que se encontram pelos topos dos nossos montes e outeiros, mostra que os *oppida* na Lusitânia deviam ser às centenas. Os celtas na Lusitânia não eram pois aqueles traga-mouros, que só da queda do céu tinham medo. Encerravam-se em cidades muradas e nem sequer neste particular se pareciam com os celtas do Ana, seus vizinhos, que viviam, no dizer de Estrabão, em povoações abertas.

Pouco sabemos das instituições religiosas dos lusitanos; o que porém nos consta das notícias dos antigos, e mormente das inscrições que chegaram até nós, permite afirmar que o seu Olimpo era extremamente povoado<sup>42</sup>. Além doutras provas de veneração, eles ofereciam aos seus deuses hecatombes, e estas hecatombes eram

---

<sup>39</sup> Insistimos sobre este ponto, porque, segundo informações fidedignas, armas de bronze, principalmente machados, têm passado às dúzias pelo cadinho dos fundidores, sobretudo na Beira.

<sup>40</sup> É escusado aduzir exemplos, que não faltariam, notando que era proverbial a sua arte "insidiandi indagandique". Estrab., III, III, 6.

<sup>41</sup> Diod. Sic. (log. cit.) afirma que os lusitanos eram menos perseverantes que os celtiberos; mas todos os factos, que a história nos transmite, desmentem esta asserção.

<sup>42</sup> Ainda há pouco tempo na torre da igreja de Ronfe (concelho de Guimarães) foi encontrada a seguinte inscrição: CELEA | CLOVT(*i*) | DEO D | VRBED | ICO EXV | OTO A.; e no lugar do Freixo (concelho de Canaveses), há poucos dias, esta: (g)ENIO | ONCO | ..

feitas *ritu græco*<sup>43</sup>), os que deve ser notado duas vezes. Os galegos, irmãos dos lusitanos, eram peritos na arte augural<sup>44</sup>. A ampliar aos lusitanos o que se conta dos cantabros, povo da mesma raça, à sua religião não seriam estranhos os grandes interesses nacionais<sup>45</sup>. Tudo isto nos põe a mil léguas dos celtas, tais como sob este ponto de vista os concebe o sr. A. Bertrand e parece confirmá-lo a certos respeitos o desprezo pelos deuses (de certa ordem), que Pausânias e outros lhes atribuem<sup>46</sup>.

Acrescentemos que algumas gravuras simbólicas idênticas ao mahadeu, à suástica, etc., de que teremos ocasião de falar adiante, e sem a menor dúvida relacionadas com a religião dos lusitanos, obrigam a assinar-lhe uma origem oriental e inteiramente ligada com a civilização do bronze, a que os celtas são inteiramente alheios.

O rito funerário dos celtas encontra-se na Celtibéria e, pelo que se infere de Plínio, na Céltica do Ana. São indubitavelmente os usos dos celtas e não dos iberos que autorizam S. Itálico a afirmar que entre os celtiberos era um sacrilégio a cremação dos cadáveres, e corrente a crença de que voavam para o céu as almas daqueles cujos corpos houvessem sido devorados pelos abutres<sup>47</sup>.

Por prudência aceitaremos somente a primeira notícia, que concorda com as observações feitas pelo sr. A. Bertrand na zona galática (lede céltica), onde do mesmo modo a cremação dos cadáveres não estava em uso, mas sim o enterramento. Nestes

---

<sup>43</sup> Estrab., III, III, X.

<sup>44</sup> Síl. Itál.

<sup>45</sup> Quando Galba foi aclamado imperador, os seus bajuladores quiseram ver nele o príncipe dominador do mundo que, uma virgem cantábrica profetizara, há 200 anos, que havia de sair da Espanha (Suetónio, *Galba*, IX). Galba não era espanhol; e era certamente num herói nacional que pensavam as profetisas da Cantábria. Este facto, que devemos casualmente à biografia de um imperador romano, parece-nos de uma importância excepcional.

<sup>46</sup> Diz Estrabão (III, IV, 16) que, na opinião de alguns autores, os galegos eram ateus. Esta opinião, em vista do que fica dito, não tem senso comum. Se a notícia se limitasse a *alguns* galegos, lembraria se os celtas do Nério, que no sentido geográfico eram galegos, ganhariam esta reputação entre os seus vizinhos, atenta a estranheza das suas práticas religiosas.

<sup>47</sup> Síl. Itál., III, V, 340-3.

túmulos, segundo o mesmo observador, não se encontram nunca objectos e armas de pedra<sup>48</sup>. Na Lusitânia, pondo de parte os dólmenes<sup>49</sup>, os *tumuli* são sem conta; mas o rito que eles acusam é sempre o da cremação ou incineração, e todos os que não têm sido inteiramente saqueados fornecem infalivelmente objectos e armas de pedra.

Aqui temos pois que nesta Lusitânia, que se diz toda impregnada de celtismo, não só não encontramos vestígios alguns de usos e costumes célticos, mas os usos e costumes dos lusitanos, cotejados com os usos e costumes célticos da mesma categoria, são de todo em todo diferentes, senão diametralmente opostos.

O silêncio da história não pode abrigar desta vez, nem por bem, nem por mal, as apreensões dos mais desconfiados: Estrabão trata com certa predilecção a etnologia dos lusitanos. Dando mesmo de barato que se aplique à Lusitânia com todas as suas exagerações a doutrina de Belloguet, segundo a qual os celtas acabariam por perder toda a sua individualidade no grémio dos povos em que vieram incorporar-se, é de primeira intuição que na Lusitânia celtizada até aos ossos, como se diz, haviam de sobreviver, pelo menos, os mesmos caracteres etnológicos, que sobreviveram nas regiões semi-célticas: a Celtibéria e a Céltica do Ana.

Vamos ver agora se, de acordo com o ensino da etnografia e da história, irão as revelações da nossa arqueologia.

Neste ponto dói-nos ter de confessar que, sendo o nosso país talvez mais opulento que nenhum outro em riquezas desta espécie, as explorações até hoje feitas são tão pobres e acanhadas, que não permitem conclusões definitivas. Não obstante, os resultados colhidos até agora pelos nossos arqueólogos são completamente adversos à

---

<sup>48</sup> Ob. cit., pág. 110.

<sup>49</sup> Como pode afirmar-se que celticidade dos dólmenes está hoje completamente abandonada e seria discutível talvez com boas razões se nos dólmenes a inumação esteve em uso, pelo menos nos tempos antiquíssimos, excluindo estes monumentos do campo das nossas investigações, simplificamos o nosso trabalho, sem enfraquecer nenhuma das nossas demonstrações. Seja dito porém que nos dólmenes as armas de pedra aparecem sempre, e nenhuma diferença fazem das que se encontram nos *tumuli* (antelas ou antinhas).

hipótese céltica e, se as descobertas futuras confirmarem, como é quase certo, as passadas, pô-la-ão fora do debate, caso estejam solidamente assentes, como eu creio estão, os seguintes axiomas: que os celtas nada têm de comum com a civilização do bronze; que o seu rito funerário era a inumação e não a incineração, e que nos seus túmulos se não encontram armas e objectos de pedra.

Para esclarecer estes pontos e outros que interessam ao nosso trabalho, deixemos falar os factos.

Os monumentos que representam principalmente entre nós a civilização pré-romana e aos quais — coisa notável e altamente significativa — se ligam tradições, que, embora adulteradas, conservam uma vitalidade estranha, enquanto que as relíquias das civilizações que se lhe seguiram, a começar pela romana, se sumiram sem deixar memória de si — são o que até aqui temos chamado *oppida* e que o nosso povo chama geralmente castros, melhor crastos, e os monumentos sepulcrais, mamoas com antas (dólmenes) ou com antelas<sup>50</sup>.

A quantidade dos castros na Beira, no Minho e na Galiza, quer dizer, na Lusitânia de Estrabão, a avaliar pelos que tenho visto e pelos que me têm sido descritos, devia ser prodigiosa; mas um facto mais importante ainda é que, a julgá-los pelo seu carácter aparente, pode afirmar-se que quem viu um os viu todos. Excepto as suas maiores ou menores dimensões, tudo o mais, escolha de posição e sistema de fortificações, aparelho de muralhas, aparelho e forma de casas, calcetamento de ruas—o que é ainda visível em muitos—não oferece a menor diferença.

Em favor desta homogeneidade falam ainda certos incidentes.

É vulgar, por exemplo, haver perto dos castros uma fonte afamada pelas suas tradições mouriscas e por possuir ainda hoje virtudes miraculosas<sup>51</sup>, e tais e tais penedos ou lapas, carregados de

---

<sup>50</sup> No *Pero Gallego*, n.º II, explico as diferenças que há entre as antas e antelas ou antinhas.

<sup>51</sup> Por exemplo, perto das ruínas da Saia (concelho de Barcelos). Perto da fonte aparecem ainda restos duma construção e que era certamente um templo. Em Sabroso havia com todas as probabilidades um monumento idêntico.

lendas, sempre análogas, e em que o elemento mítico é por vezes transparente. Os heróis destas lendas e tradições são sempre os mouros, mas para nós é de fé que na nossa história popular o vocábulo mouro é pura e simplesmente o sinónimo de pagão.

O facto que, a nosso ver, acaba de imprimir um cunho duma perfeita unidade a todos os castros, é o seguinte. Dentro ou nas proximidades deles é usual encontrarem-se gravados em lajes certos sinais, inegavelmente simbólicos, como círculos concêntricos, às vezes o mahadeu ou o suástica, mas principalmente as célebres covinhas (fossettes), de que os povos da época do bronze parece terem usado e abusado.

Assim, o exame mesmo superficial dos castros impõe necessariamente a convicção de que todos eles pertenceram ao mesmo período de civilização e a povos que tiveram a mesma educação, as mesmas ideias, os mesmos hábitos.

Se se explora um deles, os resultados até hoje obtidos são invariavelmente estes: — abaixo duma camada de objectos de indústria romana<sup>52</sup>, cujo carácter destoa inteiramente da arquitectura rude e original da povoação, encontra-se uma camada muito mais profunda, em que as jóias de bronze e a ornamentação da cerâmica são sem hesitação classificadas como pertencentes à época da civilização do bronze. Isto não quer dizer que o ferro se não encontre; é mesmo abundante; mas o ferro aparece como um artigo isolado de comércio, uma influência espécie de intruso industrial, desacompanhado de qualquer capaz de alterar uma velha rotina.

De envolta com o ferro e com o bronze é trivial achar algumas armas de pedra, principalmente machadinhas, e machadinhas do mesmo tipo que fornece a exploração dos monumentos sepulcrais.

E para fazer a comparação não é preciso ir longe. Nos arredores dos castros não faltam muitas vezes mamoadas, que contêm infalivelmente, além de machados de pedra, pontas de seta, facas de sílex, etc., salvo se os sonhadores de tesouros dispersara m, como já

---

<sup>52</sup> Nos castros, em que a influência romana se fez sentir, é claro. Gastros há, como o de Sabroso, onde não aparece um só objecto de indústria romana.

dissemos, tudo o que encontraram dentro.

Que as mamoadas serviram de última morada aos habitantes dos castros, sobre isso não pode haver sombra de dúvida. Prova-o a sua posição em relação à cidade morta, a identidade da forma e matéria das armas de pedra, que ambos os monumentos contêm, e a identidade de sinais, que se encontram nas lajes dos castros e nas pedras das sepulturas ou nas lajes vizinhas delas.

Da revelação destes factos tão positivos podíamos, cremos nós, tirar consequências mais largas que as exigidas pelo nosso estudo, bem que provocássemos de novo as acusações, que já nos foram feitas, infelizmente em termos tão vagos, que se torna impossível uma refutação certa<sup>53</sup>.

A estranha persistência da civilização característica do bronze neste extremo ocidente, se para nós demonstra à última evidência que a Lusitânia pré-romana nunca foi revolucionada por outra corrente apreciável de civilização diferente, a enorme quantidade dos seus monumentos, que prova uma densidade de população prodigiosa, e o arcaísmo dos seus produtos, alguns dos quais só encontram similares nas ruínas de Micenas de Agamémnon, nas cidades lacustres da Suíça, nas necrópoles pré-etruscas da Itália, etc., força-nos a recuar muito para além do século V a. C. a data do estabelecimento do povo, ou povos que para aqui a importaram, e que desta vez se escondem realmente na penumbra da pré-história, como os mais velhos povos da Inglaterra, segundo César<sup>54</sup> e a maioria da população da Gália, segundo as tradições druídicas, de que fala Amiano Marcelino<sup>55</sup>, todos eles povos do mesmo sangue, língua e costumes.

A nós repugna-nos de todo em todo acreditar que um sucesso

---

<sup>53</sup> Aludimos principalmente à apreciação que do nosso opúsculo *Os Lusitanos* fez o sr. E. Hubner no *Deutsche Litteratur-Zeitung*. A única acusação claramente formulada versa sobre sustentar eu que os lusitanos e galegos são povos de diferente raça. Eu digo exactamente o contrário e por mais duma vez. Tenho toda a certeza de que mostraria com pequeno trabalho que as outras acusações não assentam em melhor base se o meu ilustre crítico se desse ao trabalho de as tornar tão o precisas, como a primeira.

<sup>54</sup> De B. G., V, 12.

<sup>55</sup> XV, 9.

de tal importância fosse posterior à ocupação de Gades pelos fenícios, sem que por intermédio deles não chegasse ao conhecimento da história uma notícia mais ou menos positiva, que aludisse a ele.

Discuta-se porém quanto se quiser a origem e a data desta famosa civilização ocidental; atribui-la aos celtas, apesar do desmentido formal da história, da etnografia e da arqueologia, exige uma demonstração, que deve assombrar pela pujança dos seus argumentos.

Ora o único argumento que temos visto invocar a favor da celticidade dos lusitanos — argumento que parece ser tão axiomático e triunfante, que se crê dispensado de desenvolver as suas razões e de escutar qualquer objecção — é tirado da onomástica.

Os nomes locais, nomes de cidades, de indivíduos, de deuses, que nos transmitiram os escritores e monumentos antigos, são célticos; logo...

Nós somos obrigados a replicar: pois que a história, a etnologia, a arqueologia repelem *una voce* a celticidade dos lusitanos, a onomástica da Lusitânia não pode ser céltica. E ainda: se é certo que só pelas línguas chamadas neo-célticas se pode explicar esta onomástica, tais línguas não podem ser célticas.

Bem sabemos que esta réplica vai desacatar um dogma geralmente aceite por sábios da primeira ordem. Não é porém culpa nossa, nem por falta de razões, cujo peso o leitor avaliará, que estamos profundamente convencidos de que este dogma provém dum evangelho apócrifo.

Em primeiro lugar, já é para estranhezas que, estando a questão céltica envolta nas proverbiais trevas cimérias, haja nela um ponto perfeitamente claro e evidente: a língua que falavam os celtas. Sim, o que são os celtas, donde vieram, a que raça pertenciam, que pontos da Europa ocuparam, quais as suas instituições políticas e religiosas, tudo isso tem sido objecto de acaloradas discussões e sê-lo-á provavelmente por muito tempo ainda; quanto à língua que eles falaram, não há dúvida nenhuma: falavam o irlandês, o escocês, o galês, o bretão, como estas línguas podiam ser faladas há cerca de

dois mil anos.

Mas ~ de que fonte emanou esta inapreciável certeza?

Compreende-se muito bem que os linguistas por processos científicos os mais rigorosos nos demonstrem, como fizeram já, que as línguas por eles chamadas neo-célticas pertencem indubitavelmente ao ramo indo-europeus; mas o que se não compreende, nem bem, nem mal, é que eles, por processos meramente linguísticos, possam apurar que foram os celtas que falaram estas línguas. Isto equivaleria a dizer que, se o nome dos celtas não fosse mencionado por nenhum monumento antigo, os linguistas pelos seus recursos filológicos eram capazes de o adivinhar.

A ciência que tal conseguisse entraria nos domínios do sobrenatural.

Mas, se não erramos, a fé que os celtistas têm no seu dogma não é tão profunda, como o exigiria a pura ortodoxia, que é e deve ser intransigente. Numa crítica dirigida ao sr. Bertrand por um celtista eminente, o sr. Gaidoz, lê-se: “O sr. A. Bertrand parece querer distinguir os celtas dos gauleses, termos que é de uso considerar. *quase* Como sinónimos; *talvez* não haja aqui senão uma questão de palavras”.<sup>56</sup>

Os celtistas pois não têm inteira certeza se os celtas e os gauleses são um e o mesmo povo, se povos diferentes; e admitindo, como é razoável admitir, que, sendo povos diferentes, falavam línguas diferentes, os celtistas não têm inteira certeza se houve uma língua céltica e uma língua gaulesa; não têm inteira certeza se abraçam a nuvem por Juno, e enfim, o que mais nos importa, se a onomástica da Lusitânia se explica por uma língua céltica, ou por uma língua não céltica.

À sombra das opiniões de outro celtista insigne, o sr. A. de Jubainville, podemos dar um passo mais. O autor dos *Premiers habitants de l'Europe* admite que a *Ora Maritima*, de Avieno, é baseada sobre um périplo fenício do VI século a. C., e escrito numa época em que os celtas não tinham posto ainda o pé, nem nas Ilhas Britânicas,

---

<sup>56</sup> *Revue Celtique*, II, pág. 254.

nem no ocidente da Espanha. Mas a *Ora Maritima* menciona nas Ilhas Britânicas e no ocidente da Espanha nomes tais como Albiones, Hierne, Ana, que, como se vê, não podem pertencer à onomástica céltica, tendo aliás, uma fisionomia céltica muito pronunciada. Existe pois uma língua pré-céltica que pode explicar alguns nomes pseudo-célticos. Porque não há-de explicar todos os outros que forem da mesma natureza?

Agora com dois factos, que nos parecem muito mais solidamente assentes que o celtismo das línguas em questão, temos para nós que podemos conquistar alguns palmos mais de terreno.

Estes factos são: 1.º a característica da raça dos celtas, que, conforme já dissemos e repetimos, os antigos unanimemente nos pintam como povos de uma raça setentrional, de olhos azuis, cabelos loiros ou ruivos, corpulência pouco vulgar; 2.º, a ausência do druidismo entre os celtas puros, e a sua existência incontestável entre povos pré-celtas.

Com este critério, se nós encontrarmos uma região, onde se não vê gente do tipo céltico, onde o druidismo é religião nacional e onde se mantém ainda hoje uma das línguas que se trata de classificar, eu não sei que mais possa desejar-se, para dissipar uma boa parte das trevas que obscurecem o terreno desta discussão.

Transportando-nos à Inglaterra, a antiga ilha dos albiões, vamos lá encontrar tudo isso.

Para todos os etnografistas os celtas desta ilha são representados pelos caledónios e pelos belgas, e uma das muitas razões que disto nos convence, é vermos na mão dos caledónios a mesma espada sem ponta<sup>57</sup>, que usavam os celtas do sul e muito nossa conhecida. A data precisa da ocupação da Inglaterra pelos celtas é desconhecida, como o é a da sua invasão na Gália do norte, para determinar a qual César apenas nos dá o advérbio *antiquitus*. É todavia certo que os celtas não podem ter-se estabelecido na ilha antes do século VI a. C., pois que o périplo fenício, que por vezes temos citado, ainda aí os não conhece.

---

<sup>57</sup> Tacitus, *Agricola*, XXXVI.

O que porém mais nos importa por agora é que Tácito, cujo testemunho acerca da Inglaterra tem o peso que todos sabem, distingue as populações do nascente e as do poente da ilha, de modo a não permitir dúvidas sobre as profundas diferenças fisiológicas que as separavam. O tipo, por que ele afere as primeiras, é o dos caledónios, de cabelo ruivo, alta estatura, denunciando diz ele— uma origem germânica; os povos da zona ocidental aproximavam-se dos silures, tipo tão anti-céltico, que o historiador lhes atribui uma procedência ibérica <sup>58</sup>. Tácito expõe várias causas, que a seu ver podem explicar aquela diferença, sem se decidir por nenhuma; mas a particular atenção, que este facto lhe merece, prova que o contraste das duas raças era mais que acentuado.

Ora na parte ocidental da Inglaterra, na espécie de península, formada pelos estuários Sabrina e Belisama, encontramos precisamente os silures e os seus vizinhos demetas e ordovices, e perto a ilha de Mona (Anglesey), célebre por ser a sede ou uma das sedes do druidismo britânico. Foi aí que os habitantes do país de Gales se refugiaram contra a implacável perseguição dos romanos; foi aí que se passaram as cenas memoráveis, que Tácito nos historia no livro XIV dos seus *Anais*.

Haverá alguém que sustente, com ciência e consciência, que os silures, dernetas, ordovices são celtas? que são celtas as mulheres de cabelos desgrenhados, brandindo fachos acesos, correndo como fúrias através dos combatentes? que são celtas os druidas que vomitam imprecações contra os assaltantes e animam os seus sectários à defesa da independência pátria e dos bosques sagrados dos seus deuses?

-Não o acreditamos.

Pelos seus caracteres físicos, nitidamente descritos por Tácito, pelas suas instituições druídicas, os asilados de Mona não podem ser celtas de modo algum.

E, se a língua do país de Gales, o câmbrico, é uma língua pré-romana, não há quase certeza de que era nela que os padres druidas

---

<sup>58</sup> Id., ib., XX.



formulavam as suas maldições? Havemos de admitir que depois de Nero, e contra os romanos, é que os celtas do nascente da ilha fizeram a conquista desta parte do poente e introduziram ali a sua língua?

Seria pasmosa coisa; mas para resolver se o câmbrico era a língua dos druidas e dos seus correligionários, se a dos celtas do nascente da ilha, há, cremos nós, um meio muito simples e ao mesmo tempo muito decisivo.

Nenhum escritor, salvo se o obceca o espírito de sistema, sustenta hoje que o druidismo seja céltico; porque para isso seria necessário explicar como ele se encontra em povos pré-célticos, nos bretões da Inglaterra, por exemplo, e não acusa o mínimo vestígio nos diferentes povos célticos da Europa e Ásia Menor.

Mas onde o facto se apresenta superior a todas as subtilidades escolásticas é entre os belgas, graças à luz das informações de César. Os belgas seriam celtas tão sem mistura com outros povos de raça diversa, que, a fazer obra por uma passagem dos *Comentários*, e sem a cotejar com outras, a conquista desta parte da Gália pelos invasores traria consigo a completa expulsão dos gauleses<sup>59</sup>.

Ora as instituições druídicas estavam em pleno vigor na Gália propriamente dita, como é bem sabido, e dos belgas diz César muito positivamente que, tanto pela língua, como pelas instituições, eles se diferenciavam dos gauleses<sup>60</sup>, donde se conclui que as instituições dos belgas não eram druídicas.

Na Gália, pelo contrário, as atribuições dos druidas eram quase exorbitantes. Além do ascendente que lhes davam o seu ministério sagrado e as suas luzes, estava-lhes na mão o poder supremo — poder legislativo, executivo, judiciário, e tudo dimanava sem dúvida da própria índole do seu sistema religioso.

Uma só classe tinha importância depois dos druidas, os cavaleiros (equites); a grande maioria da população era uma arraia

---

<sup>59</sup> De B. G., II, 4.

<sup>60</sup> Id., I, X. Os gauleses propriamente ditos de que se fala aqui, são os habitantes da Gália central, e em contraposição aos aquitanos e belgas. Nada mais claro em César; mas quase sempre o nome de gauleses é por ele tomado no sentido geográfico, abrangendo gauleses, aquitanos e belgas. É necessário acentuar bem este facto.

miúda, de que se não fazia caso<sup>61</sup>.

Vê-se pois que o druidismo na Gália não só se manteve através da conquista céltica, mas que, pelo seu prestígio teosófico e pelos mil recursos, de que dispunha, soube dominar os próprios conquistadores, que provavelmente no mesmo grau de barbárie que os germanos de Tácito e os celtas, de que nos falou Políbio, não se lembraram mesmo de disputar ao sacerdócio a direcção de uma sociedade, que eram incapazes de governar, contentando-se com as regalias da classe aristocrática, que nós encontramos usufruídas pelos cavaleiros.

Porque, conforme uma observação profunda do sr. A. Bertrand<sup>62</sup>, a que a crítica um pouco distraída do nosso tempo nos parece não ter dado a devida atenção, o elemento céltico (para ele galático) da Gália está principalmente representado no tempo de César pela classe dos cavaleiros. Esta classe — é o mesmo sábio quem. fala — que se diria completamente alheia à organização druídica, e tem todos os visos duma aristocracia estrangeira, está em face do druidismo na mesma relação, que, séculos depois, estão os francos em relação ao catolicismo<sup>63</sup>.

Que as coisas deviam ter-se passado pouco mais ou menos assim, basta ver que as instituições druídicas, inquestionavelmente pré-célticas, puderam atravessar todas as revoluções políticas da Gália, conservando até depois da conquista romana as suas enormes prerrogativas.

E pois certo que os celtas, ocupantes da Gália propriamente dita, se submeteram inteiramente às instituições druídicas. Depois disto, e sem fazer caso do texto de César, que, dizendo-nos ser a língua dos belgas (celtas) diferente da dos gauleses, estabelece que a língua dos gauleses não é céltica, nós não acreditamos que possa hesitar-se um momento se a língua falada na Gália é a dos celtas, ou a dos druidas. Para aceitar a primeira hipótese, tinha de admitir-se que

---

<sup>61</sup> Id., VI, 13 e seg.

<sup>62</sup> Ob. cit., pág. 407 e seg.

<sup>63</sup> E entre nós os suevos e godos.

aqueles bárbaros, adoptando a religião e instituições druídicas, tiraram por condição que os padres abandonassem a sua língua, a língua em que ensinavam as suas doutrinas religiosas e filosóficas, em que ditavam e executavam as suas leis, para empregarem a língua céltica, e ainda que substituíssem os nomes dos seus deuses por nomes célticos.

Uma tal ideia não pode entrar num cérebro são.

Tomando agora à parte este facto que julgamos duma solidez inexcedível: os nomes dos deuses do Panteão druídico não podem ser célticos de modo algum. Para resolvermos a questão atrás formulada, se o câmbrico é céltico ou não, há só a estudar se é ou não pelo câmbrico que se explicam os nomes dos deuses druídicos.

Explicam, sem a menor dúvida. Como é então que o câmbrico e línguas congéneres são célticas?

A única coisa que poderia prejudicar esta verdade tão simples, e as consequências que dela derivam, seria a incerteza sobre a índole da língua céltica e a dúvida se a onomástica do ocidente se poderá explicar indiferentemente pelo céltico e pelas línguas anteriores a ele.

Não tem faltado quem defenda esta e idênticas opiniões, mas intuitivamente se alcança que os seus fundamentos hão-de ser por extremo frágeis.

É mais que provável que a língua céltica teve uma mesma origem que a dos gauleses, lígures, latinos, etc., mas, sabido que os destinos dos celtas os Levaram para outros climas e regiões, onde viveram tempo esquecido, longe, e sem o mínimo contacto com os povos do ocidente, e num meio social e moral muito diferente, senão oposto, como nos provam exuberantemente os usos e costumes com que os celtas se nos apresentam, é absolutamente impossível admitir que a sua língua se desenvolvesse tão paralelamente às dos nossos ocidentais, que elas possam confundir-se ao fim de longos séculos.

Isso podia sustentar-se, quando à ocupação da Europa pelos celtas se dava generosamente uma data imemorial; porque então a acção onipotente do tempo ficava encarregada de realizar, fosse como fosse, estas maravilhas e mesmo a destruição completa das

línguas pré-célticas e a sua substituição pelo céltico<sup>64</sup>. Hoje, porém, esta hipótese é inadmissível; antes todas as presunções, senão uma inteira certeza, favorecem a hipótese contrária: os celtas são um povo relativamente moderno no ocidente.

As consequências a tirar deste princípio, e que estranhámos deveras que não tenham sido já tiradas pelos que o professam, são que a língua deste povo, cuja cultura é ínfima com relação aos povos onde se naturalizou; que não pôde exercer influência alguma moral sobre eles; que por fim se sumiu, mesmo como representante de uma raça exótica entre as populações do meio-dia da Europa, onde apareceu, a bem dizer, esporadicamente; as consequências a tirar naturalmente destes factos, dizemos, são que a língua dos celtas deve ter durado ainda menos que a persistência de seus caracteres físicos.

Da justeza destas conclusões temos uma prova com o que sucedeu na Galátia<sup>65</sup>.

Neste caso o céltico seria uma língua hoje inteiramente perdida, que poderia deixar algumas dúzias de vocábulos às línguas com que esteve em contacto, alguns nomes étnicos e pessoais à história, sendo de admirar que contra toda a luz da evidência se lhe concedam nada menos que quatro dialectos sobreviventes.

Mas é bem verdade que o celtismo foi uma planta exótica que se não pôde aclimar na Europa e que desapareceu, sem deixar vestígios de raça, de língua e de instituições?

Dos celtas da Ásia Menor e do meio-dia da Europa talvez isso deva ser afirmado com muita plausibilidade; mas sem contradição do que atrás fica dito, se nós subirmos ao norte atrás de César, o primeiro romano que se encontra com os gauleses e com os celtas no seu próprio terreno, as coisas mudam completamente.

---

<sup>64</sup> É inacreditável que Belloguet todos os escritores que admitem a barbárie dos celtas, que só a civilização dos povos, com que eles se misturaram, pôde dissipar, não recuem diante da ideia de que um povo nestas condições seja capaz de impor a sua língua a quase todo o ocidente, absorvendo inteiramente as línguas anteriores! Nesta doutrina extraordinária, os celtas chegariam a fazer tábua rasa das denominações geográficas e topográficas, para as substituir por nomes célticos!

<sup>65</sup> Vid. Perrot, *De la disparition de la langue gauloise en Galatie*, nas suas *Mémoires d'archéologie, d'épigraphie et d'histoire*

Nós já vimos acima que os celtas do norte (belgas), celtas tão sem mistura com povos gauleses, que, a ler estouvadamente um texto de César, se diria não haver sinais destes na Bélgica, tinham língua e instituições diferentes das dos seus vizinhos gauleses, o que significa pura e simplesmente que os celtas do norte tinham uma língua e instituições propriamente suas<sup>66</sup>.

É pois na Bélgica que a questão céltica pode ser estudada com vantagem, porque se não trata agora desses celtas ambíguos, que representam aqui e além o papel de parasitas dos outros povos e que os romanos chamavam falsamente gauleses, antes de conhecerem os genuínos gauleses; mas trata-se de um povo, formando uma confederação<sup>67</sup>, com instituições e leis suas, e uma raça perfeitamente definida.

Notemos bem que os belgas são celtas tão puros, como os volcæ (variante: bolcæ, belcæ) tectosages e os volcæ arecomices do sul da Gália, como os tectosages do bosque Hircínio e da Galátia, como os boios (tolisto-boii) da Galátia, do bosque Hircínio, do vale do Pó, como os gesatas de ao pé do Ródano, enfim como os mais legítimos celtas da história, segundo se prova pela identidade de nomes, de usos e de hábitos entre todas estas tribos<sup>68</sup>. Mas uma particularidade, que se tem explorado em todos os sentidos, menos no verdadeiro, se não estamos em erro, uma particularidade que temos por muito significativa, é que César chama aos belgas germanos (*orti a germanis*)<sup>69</sup>, e dos gauleses afirma que eles davam a si mesmos a denominação de celtas.

---

<sup>66</sup> Tem-se oposto ao texto de César, que estabelece diferenças tão radicais entre a língua dos belgas e dos gauleses, como entre a destes e aquitanos, alguns textos de Estrabão, principalmente IV, I, I, donde poderia inferir-se que não há diferenças dialectais entre as línguas dos belgas e dos gauleses. Mas entre Estrabão, que escreve por informações, e César que foi testemunha ocular dos factos que nos transmite, nós não hesitamos um minuto a qual dos dois havemos de dar crédito. *Vid. infra*

<sup>67</sup> Estrab., IV, IV, 3.

<sup>68</sup> Estas provas são tão abundantes, que nos tomariam muito espaço, por mais que as quiséssemos resumir. Podem consultar-se, entre outros, Dieffenbach, *Celtica e Origines Europææ*, e Thierry, *Histoire des Gaulois*.

<sup>69</sup> Para alguns intérpretes, que esta frase incomoda, César queria dizer que os belgas vieram dalém do Reno, da Germânia!

César tem decerto razão. Os gauleses, mas os “Equites”, gloriavam-se provavelmente da sua procedência céltica e poderiam prová-la pelo seu tipo físico e pela sua genealogia<sup>70</sup>; mas estes celtas

---

<sup>70</sup> Esta explicação não é especiosa, como de repente pode parecer. Não contando os druidas, cuja classe não pode formar uma raça à parte, a população da Gália Central compunha-se, como se sabe, da classe aristocrática (os Equites) e da grande massa plebeia, de que ninguém fazia caso. Era esta arraia miúda que conservava as suas tradições genealógicas, para autorizar César a afirmar que ela se dava por céltica? Além de inverosímil, seria falso. Depois das investigações de Paul Broca é doutrina corrente que a grande maioria da população da Gália Central era pouco mais ou menos do tipo físico dos habitantes da Basse-Bretagne (P. Broca, *Recherches sur l'ethnologie de la France; Nouvelles recherches sur l'ethnologie de la France*, nas suas *Mémoires d'Anthropologie*).

Por motivos, ainda mais inexplicáveis, que os já notados no campo da linguística, os antropologistas obstinam-se em dar a denominação de céltico a este tipo, que é o antípoda do tipo céltico, descrito por todos os autores antigos. Aqui está como o sr. Topinard (*Anthropologie*, pág. 474 e nota) se exprime em face da contradição: Há que distinguir o povo dos seus chefes. Estes eram gauleses, altos, louros, da mesma raça que os belgas. A grande massa do povo, que eles dominavam e arrastavam, atrás de si nas suas expedições (do tipo dos Bas-Bretons, de cabelos pretos ou castanhos), eram celtas, os habitantes da Céltica de César e de Estrabão.

Mas os celtas de todos os antigos eram precisamente os homens altos, louros, da raça dos belgas, e, já que se cita Estrabão, aqueles gauleses que, na opinião do geógrafo, tanto física, como politicamente, se assemelhavam de tal sorte aos germanos, que ambos eles podiam passar por irmãos (IV, IV, 2, Comp. IV, I, I, para ver que nesta pintura são incluídos os habitantes da Céltica de Estrabão). Os celtas dos antropologistas não podem ser os celtas dos antigos, sem exceptuar Estrabão, além das razões já dadas, porque nem Estrabão, nem César, nem escritor algum antigo os conhece, ou, se conhece, não os menciona, o que importa o mesmo. Broca, em mais que um lugar das suas Memórias declara que não faz questão de nome. Para a antropologia propriamente dita, a questão de nome deve realmente ser indiferente; há-de confessar-se, porém, que a escolha não podia ser mais desastrada. Nós aceitamos com plena confiança os resultados positivos dos antropologistas: a grande massa do povo da Gália Central era do tipo dos Bas-Bretons, tipo anti-céltico; e aceitamos também, com o sr. Topinard, a opinião de que a este tipo se contrapõe o dos chefes (Equites), os quais pertenciam à categoria dos homens altos, louros, da raça dos belgas, os celtas dos antigos. Não é agora mais provável e consoante aos factos e à evidência que seja esta classe aristocrática dos Equites que conservasse a tradição da sua genealogia céltica e se vangloriasse dela, e não a arraia miúda de que os seus dominadores deviam fazer tanto caso como César? Com a nossa velha aristocracia deu-se um facto idêntico ao que supomos se daria na Gália: a sua grande glória era descender dos godos. Escusado é acrescentar que o nome de celtas podia ser uma honraria para a aristocracia gaulesa e um desprezo para os seus vizinhos belgas. Não faltam exemplos destes entre povos da mesma raça; dos tréviros diz Tácito (Germ., XXXVIII) que desdenhavam dos gauleses, certamente a principiar pelos

transformados totalmente pela civilização druídica e tendo perdido a sua língua e religião nacional, acareados com os celtas do norte, deviam parecer entidades muito distintas.

E o que é verdade é que para César os celtas degenerados da Gália são os únicos que ele conhece como tais e que nem ele nem Tácito, em face dos celtas puros, caledónios e belgas, são capazes de distinguir estes últimos dos povos teutónicos<sup>71</sup>.

Não se pode objectar que os belgas no tempo de César estariam de tal modo germanizados pelos povos teutónicos, já habituados a passar o Reno, que o seu carácter primitivo se tivesse obliterado, porque César reconhece entre os belgas povos germânicos propriamente ditos, os condrusos, os eburões, os cæræsos, os poëmanos. Daqui poderia inferir-se, e mal<sup>72</sup>, que entre germanos e germanos alguma diferença haveria; mas, admitida tal diferença, tão insignificante era ela, que nem a língua, nem as instituições dos celtas (belgas) obstavam a que um sagaz observador, como César, os classificasse na raça germânica.

Deve mesmo supor-se que são estas duas características, e não o tipo físico dos belgas, que o determinam a esta classificação, visto que fisicamente tão parecidos aos germanos, como os belgas, deviam ser os “Equites” gauleses, aos quais César nunca se lembrou de qualificar de germanos.

Longe de nós — seja dito em parêntesis — entrar na questão ardente do germanismo dos celtas, doutrina que se diz desacreditada e que todavia, decerto por mau sestro nosso, perfilhamos no essencial; vê-se porém que somos obrigados a tocar nela para esclarecimento do nosso estudo.

Para nós é de fé que nem Tácito; nem César sabem distinguir os celtas (belgas) dos germanos, por não terem por onde; e a ignorância que ambos mostram do íntimo parentesco entre os belgas e

---

magnates.

<sup>71</sup> Já atrás se disse que Tácito filia os caledónios na raça germânica.

<sup>72</sup> Mal; porque, nesta passagem, germanos é um mero apelativo: “qui uno nomine germani appellantur” (IV, 4). Diferenças reais entre diversos povos germânicos notas Tácito. Plínio (H. N., IV, 28) conta entre eles cinco raças (genera).

os celtas do sul, permitindo-lhes fazer as suas observações com a máxima despreocupação, dá um dobrado peso às suas informações. Estas singelas afirmativas na boca de uma testemunha ocular, como César: — pela língua, pelas instituições, pelas leis, os belgas diferenciam-se dos gauleses; os belgas são oriundos dos germanos — se não querem dizer do modo mais terminante que a língua, instituições e leis dos celtas (belgas) são análogas à língua, instituições e leis dos germanos, eu não sei de que fontes escritas nos há-de vir a certeza histórica.

Pelo respeito à língua, quer-se um texto ainda mais claro e expresso? A língua dos gálatas (celtas puros) — diz S. Jerónimo “é quase a mesma” que a dos tréviros. Os tréviros são um povo da Bélgica, de origem germânica e jactando-se desta sua procedência<sup>73</sup>. A língua céltica portanto é, na opinião de S. Jerónimo, quase a mesma que a teutónica.

Nós podíamos utilizar em proveito da nossa opinião os trabalhos daqueles mesmos que defendem uma opinião oposta. Thierry, por exemplo, para mostrar que os cimbrós são celtas, tira da maneira, por que os belgas, tigurinos e tectosages de Tolosa recebem estes invasores, argumentos frisantes a favor da afinidade da raça e da língua entre todos estes povos<sup>74</sup>. As observações de Thierry são perfeitamente justas; a diferença é que os cimbrós são germanos para Tácito, quer dizer, para o escritor antigo que melhor estudou os germanos<sup>75</sup>.

A história dos cimbrós diz-nos alguma coisa mais. Segundo uma tradição que Plutarco nos transmite, celtas e cimbrós tinham vivido primitivamente numa pátria comum, nas longínquas regiões do norte, onde os dias são de seis meses, e foi seguindo o trilho dos seus compatriotas que os cimbrós penetraram na Europa<sup>76</sup>. Factos, decerto ignorados por Plutarco, corroboram esta tradição.

Se, como temos sustentado, fundados no testemunho dum

---

<sup>73</sup> Tácit. Germ., XVIII.

<sup>74</sup> *Histoire des Gaulois*, II, pág. 6. e seg.

<sup>75</sup> Ob. cit, XXXVII.

<sup>76</sup> Marius; Camillus.

autor fenício do século VI, antes da nossa era, os celtas atravessam da Escandinávia para cá do Báltico entre os séculos VIII e VII e se internam pela Europa, os cimbrós não tardaram a segui-los, pois que no século V os vemos já em torno do Báltico<sup>77</sup>, onde, no tempo de Tácito, se encontravam ainda sinais visíveis da sua passada grandeza. Não errava, pois, a tradição, contando que os celtas e os cimbrós vinham da mesma região, nem errava também atribuindo aos dois povos estreitas relações sociais, pois que a opinião insuspeita de Thierry as pôs em relêvo, já o Vimos, quando, seguindo na sua marcha para o sul da Europa estes

Últimos emigrantes, nota com que facilidade eles são reconhecidos pelos primeiros.

Um facto que devemos ainda a Plutarco e que ele deixa como um enigma a resolver à posteridade, bastaria por si só para esclarecer, esta questão, se as questões do celtismo pudessem ser esclarecidas como qualquer outro problema histórico. Conta o biógrafo de Mário que os ambrões, que com os teutões faziam parte da invasão cimbria, ao agredir o exército romano, junto às Aquas Sextias, levantaram o seu grito de guerra: ambra! ambra!

Grande espanto nos auxiliares de Mário, recrutados na Ligúria<sup>78</sup>, e com razão, porque aquele grito de guerra era precisamente o deles. Lembremo-nos, porém, que, desde o tempo de Beloveso, do Ródano à foz do Pó eram numerosas as tribos célticas, figurando entre elas os gesatas, que, para amontoar coincidências, eram chamados *germanos* nos Fastos Capitolinos, isto num tempo (222 a. C.), em que

---

<sup>77</sup> Philémon, citado por Plínio (H.N., IV, 27). Como chegou esta notícia aos ouvidos de Philémon, escritor do século V a. C., segundo a opinião geral? Por esses tempos os fenícios comerciavam regularmente com o norte. Quantas informações anónimas, relativas ao ocidente, não provirão desta fonte, que tão abundante devia ser delas! Seria curioso, e não deixa de ser provável, que, do mesmo modo que nos vem dos fenícios a primeira menção dos celtas, nos venha a primeira menção dum povo germânico bem definido.

<sup>78</sup> Plutarco diz simplesmente "lígyres". Se devêssemos tomar este nome noutra sentido que não fosse o geográfico, podíamos declarar sem escrúpulo que a notícia era uma fábula. Impossível que os lígyres do mediterrâneo, um dos mais velhos povos da Europa, pudessem ter o mesmo grito de guerra que um povo que vinha das margens do Báltico, e de língua e raça inteiramente outras.

os romanos nem sonhavam com os povos transrenanos<sup>79</sup>.

A identidade do grito de guerra dum povo céltico e dum povo germânico seria de si altamente significativo, sem a tradição que dá a mesma pátria aos dois povos; sem as provas de intimidade que se manifestam aqui e ali entre os povos célticos e os cimbros no percurso do seu itinerário, que é o mesmo que o da antiga migração dos seus compatriotas<sup>80</sup>; sem as afirmativas de César, de Tácito, de S. Jerónimo, etc. Tudo isto junto não nos parece que autorize ninguém a pôr no “índice” a doutrina do germanismo dos celtas.

Acresce uma coisa, hoje um pouco desprezada, que se chama evidência.

É mais que sabido que fisiologicamente os celtas se assemelhavam tanto aos germanos, que., na frase de Estrabão podiam passar por irmãos. No moral a mesma coisa. E ainda Estrabão que nos diz que, para fazer uma ideia dos antigos celtas (ou gauleses, para ele termos sinónimos), não havia mais que atentar nos costumes dos germanos do seu tempo. E de facto, como o celta, o germano tinha a mesma paixão pela guerra, o mesmo desdém pela agricultura, o mesmo desapego ao solo natal e daí a mesma facilidade em emigrar, a

---

<sup>79</sup> Que os germanos dos F. Capitolinos são os gesatas, prova-se com as passagens de todos os autores que nos falam de C. Marcelo. Segundo Políbio (II, ia), os gesatas lisonjeavam-se de ter saqueado Roma, sob o comando de Breno. Lívio (XXI, 38) menciona uns semi-germanos pelos Apeninos.

<sup>80</sup> Falando somente do itinerário, seguido pelos cimbros na Espanha: uma parte deles atravessa os Pirinéus e chega ao Ebro, como os celtas e provavelmente pelo mesmo caminho. Junto ao Ebro, como também sucedera aos celtas, os invasores encontram uma resistência formidável, e tão formidável que são obrigados a retirar e a abandonar a Península.

Desta vez os defensores da Espanha eram os celtiberos, aos quais caberia bem a denominação de semi-germanos, que T. Lívio aplica a algumas populações do vale do Pó (Segundo Plínio, os oretanos eram apelidados germanos; Ptolomeu dá-nos um “Oreton germanorum”. Na opinião de alguns, a notícia do naturalista há-de ser interpretada em face da do geógrafo).

Mesmo que os cimbros reconhecessem nos celtiberos um povo, em parte do mesmo sangue que o seu, isso não tira, claro é, que assaltantes e assaltados se odiassem fidalmente. Com povos célticos mais puros sucedeu a mesma coisa, e é sabido que os cimbros encontraram na maior parte dos seus velhos compatriotas mais mostras de hostilidade, que de protecção. Os interesses criados explicam muito bem o facto.

mesma repugnância de ver-se em cidades muradas, etc., etc.<sup>81</sup>.

Dir-se-à que tais caracteres são comuns a todos os povos bárbaros. Quase que são; mas, quando dois povos bárbaros têm as mesmas qualidades morais, os mesmos hábitos e costumes, são duma mesma raça e habitam uma mesma região, há mais presunções para afirmar que devem existir entre eles não só relações sociais, mas relações de parentesco e de língua, do que para afirmar o contrário.

Com os indícios, senão trovas, acima reunidos, estas presunções adquirem um carácter muito chegado à certeza.

Vê-se, porém, que para o nosso principal intuito, importa pouco que fique provado se o céltico é ou deixa de ser uma língua teutónica<sup>82</sup>; o que importa é que fique solidamente provado, e cremos

---

<sup>81</sup> Mais estreitas relações entre os costumes célticos e teutónicos encontram-se em Moke, *La Belgique ancienne*, passim, e principalmente no liv. I, cap. II, e em Holtzmann, *Kelten und Germanen*, principalmente pág. 56 e seg. As espantosas exagerações, a que este último es-critor levou o seu sistema, obrigam a ler o seu livro com a máxima cautela.

<sup>82</sup> Belloguet dá a entender que o sr. Brandes no seu livro: *Das ethnographische Verhältniss der Kelten und Germanen* e o sr. Glück demoliram até os alicerces o sistema do sr. Holtzmann. Não nos pareceu isso. É verdade que daquele segundo sábio só vimos escrito: "*Die bei C. J. Cæsar Vorkommenden keltischen Namen* ", onde são atacadas com uma violência extrema algumas etimologias do autor dos *Kelten und Germanen*, e não sabemos se em qualquer outro trabalho empreendeu uma refutação mais completa.

O sr. Brandes sabemos que o não fez no campo da linguística. O que vimos foi que os adversários do sr. Holtzmann; quando este dá por célticos (germânicos) nomes que se explicam pelo chamado neo-céltico, triunfam tão facilmente, como quando no campo histórico lhe demonstram por exemplo, que o druidismo não pode ser germânico. Mas, porque um qualquer sábio toma como céltico-germânicos alguns nomes que o não são, isso não prova nada contra o germanismo dos celtas. Já assim não sucederia, se se provasse que as palavras e nomes, pertencentes aos celtas puros, isto é, no caso sujeito, aos celtas do nascente e da Galátia, qu é deviam falar uma língua sem mistura com as línguas pré-célticas do ocidente, se explicavam naturalmente pelo chamado neo-céltico e não pelo teutónico. Mas é isso o que realmente sucede? A palavra *gesum*, por exemplo, que tanto se encontra nos gesatas de ao pé do Ródano, como nos gálatas da Ásia, segundo se vê duma inscrição de Ancira, *trimarchisia*, ou *trimarrisia*, *drynemeton* explicam-se bem pelo neo-céltico? *Drynemeton* é um enigma, que ninguém decifrou ainda; *trimarchisia*, ou *trimarrisia*, parece, nome e coisa, mais germânico que o contrário; *gesum*, na opinião de Dieffenbach (*Orig. Europ.*, pág. 354) não se pode decifrar pelo neo-céltico; e apesar das suas dúvidas sobre a explicação deste vocábulo pelas línguas teutónicas, com o seu *Vergleichendes Wörterbuch der gothischen Sprachen*, poderia argumentar-se

tê-lo conseguido, que só por um verdadeiro milagre seria possível que os celtas, em tudo diferentes dos povos ocidentais, nos aparecessem com uma língua que se não podia distinguir da deles.

Podemos então formular com todo o desafio o princípio seguinte: pois que o câmbrico e línguas congéneres explicam os nomes dos deuses do Olimpo druídico, e estes nomes não podem ser célticos de modo algum, o câmbrico e línguas congéneres não podem ser célticas. Não é pelo céltico que havemos de explicar, por exemplo, o nome do Deus Borvo, ou Bormon<sup>83</sup>, vulgar nos povos pré-célticos; não é pelo céltico que havemos de explicar o nome deste mesmo deus (Bormanicus), que se encontra na Lusitânia, nem os nomes dos outros deuses da Lusitânia, que pertencem indubitavelmente ao mesmo fundo linguístico.

Seria ofender os leitores mostrar que o mesmo princípio se aplica aos nomes geográficos, nomes étnicos, nomes de cidades e nomes pessoais da antiga Lusitânia.

Quanto aos nomes pessoais, não podemos ainda assim deixar de fazer algumas observações. Se a tese que defendemos fosse falsa, ela não poderia resistir à seguinte prova: — sendo a onomástica da Lusitânia céltica, e sendo celtas puros, falando uma língua sem mistura

---

contra o seu cepticismo, se o nome assenta bem no estranho eclectismo deste sábio (Comp. Forstmann, *Altdeutsches Namenbuch*, V. *Gais*). Dos nomes pessoais diz terminantemente o sr. Holtzmann: “Os nomes pessoais dos gálatas da Ásia Menor são, sem contestação alguma, teutónicos.” (Ob. cit., pág. 126).

Eu não sei que os “demolidores” do germanismo dos celtas destruíssem esta categórica afirmativa, cuja importância ninguém pode desconhecer; nem sei como hão-de demonstrar que é por um mero acaso que os nomes de Boiorix, Ariovisto, etc., se encontram em uso entre os antigos celtas e entre os cimbrós e suevos, que aparecem muito depois deles. Em suma, a maneira por que os “demolidores” da tese que se diz desacreditada fogem (é o termo próprio) de combater no terreno, onde podiam ganhar uma vitória decisiva, justifica, a nosso entender, a necessidade de estudar atentamente uma questão, que, resolvida afirmativamente, lançaria uma vivíssima luz sobre a etnografia antiga da Europa.

<sup>83</sup> Para que não reste dúvida de que este deus nada tem de comum com os celtas, lembraremos que na Ligúria se encontra um Lucus (Vicus?) Bormani (Itin. de Ant.).

Escusado é advertir que, por contarmos Borvo entre os deuses druídicos, não afirmamos que o druidismo existiu em toda a parte, onde ele foi adorado. Esta questão é estranha ao nosso estudo.

de línguas ocidentais, os bandos que emigraram para o nascente da Europa e para a Ásia Menor, necessariamente que entre os nomes pessoais destes e os dos lusitanos há-de haver alguns comuns, ou pelo menos um ar de família muito acentuado. Nada disso; nem um só nome comum, nem nomes que apresentem um ligeiro ar de família.

Se da defensiva passássemos à ofensiva, poderíamos perguntar com os defensores do germanismo dos celtas se os nomes dos caudilhos celtas do nascente, tais como Leonorius, Lutarius, não são genuinamente germânicos.

Também entre os nomes pessoais da Lusitânia se não encontra uma só vez um nome acabado em *rix*, vulgar na onomástica dos celtas do nascente, da Gália, numa palavra, mais ou menos usual nas regiões, onde é certa a existência de povos célticos.

Dir-se-á que este argumento é contra nós: aqui temos o irlandês *rig* rei, etc., e um leitor de Thierry não deixará de exemplificar fantasiosamente o caso com o nome de Orgetorix = rei de cem vales. Nós replicaríamos que Orgetorix foi tão pouco rei de coisa nenhuma, que esteve em riscos de ser queimado vivo só pelas suspeita de aspirar à realeza<sup>84</sup>, e que é muito fácil mostrar que muitos indivíduos com nomes acabados em *rig* nunca foram reis, nem coisa que o valha, e que, às avessas, o foram outros com nomes em que tal vocábulo não entra.

Para dizermos tudo, estamos intimamente convencidos que na grande maioria dos casos, a última sílaba dos nomes em *rix* não tem nada a ver com o irlandês *rig*, mas com o *ric* (gót. *reiks*) vulgar nos suevos e outros antigos germanos, e advertiremos que, se na onomástica da Lusitânia pré-romana, e romana, se não encontra um só nome em *rix*, ou *ric*, na onomástica da Lusitânia pós-romana eles devem ter entrado às dúzias, visto não se encontrarem ainda poucos nos nossos antigos nobiliários<sup>85</sup>.

Mas esses nomes devemos-os sem contestação aos suevos, e

---

<sup>84</sup> Cés., ob. cit., I, 4.

<sup>85</sup> Fadrique, Manrique, Almerique, Malrique, Valdrique, etc. (*Nob. de D. Pedro*).



principalmente aos visigodos: são germanos<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup> Ducange já discutia se os Ricos-Homens, nome e coisa, são uma importação germânica.